

## QUEM NÃO TEM MEDO DE DONA MARGARIDA?

Moisés Neto vê o novo espetáculo da *Trupe do Barulho* no Recife.

Peça de 1973, carioca, *Apareceu a Margarida* já teve Marília Pêra no papel da professora Margarida. O autor é Roberto Athayde, o texto foi montado em mais de 20 países, agora pela Trupe do Barulho no Recife (prestes a completar 18 anos de sucesso!). Dirigida pelo mesmo diretor de ANJOS DE FOGO E GELO: José Francisco Filho. Um revolucionário da primeira hora desde os anos 70 do teatro pernambucano.

Fui à estréia, e como professor, fiquei agradecido pelo grupo ter tido coragem de revisar esta peça tão fundamental. Flávio Luiz, Aurino Xavier e Bobby Mergulhão revezam-se no papel da tirânica Dona Margarida, contando com Jô Ribeiro no papel do diretor.

A trupe monta um texto de autor não pernambucano pela primeira vez. Desvirginando-se também numa obra não criada sob encomenda ou *trazida* ao seu esquema de ser.

O figurino é do autor de vários dos textos do grupo: Henrique Celibi, premiado por figurinos dos espetáculos A ILHA DO TESOURO e SONHO DE PRIMAVERA, ele é olindense e veio do *Vivencial Diversiones*, um cabaré que mudou os rumos do teatro no final dos anos 70, época em que Margarida desabrochou. O conteúdo psicológico que José Francisco impõe aos atores é próprio de um libertário. Há subtexto permeando quase tudo. É uma aula de teatro que escracha Stanislavski, Grotowsky e sai rasgando Brecht a torto e a direito. Explico: a montagem rompe com o politicamente correto da encenação e das expectativas do público da Trupe. Joga os atores num xeque-mate que também leva os espectadores ao caos. Quem não teve uma professora como esta? Por que vocês riem da Trupe? O que querem aqui?

O velho texto quase falha, mas a gasolina dos atores e a audácia do diretor levam o espetáculo ao seu objetivo: desnudar um

fenômeno teatral recifense. Seis pessoas se retiraram da platéia e a peça foi ovacionada em sua magnífica estréia dia 27 de setembro de 2008. Um Cosme e Damião que as “crianças” da platéia não ganharam o doce tão facilmente.

Vimos algumas atitudes mal educadas na audiência. Aluno tem dessas coisas. Mas a velha mestra estava ciente da maldade humana, da fragilidade desta raça. De suas carências e abusos. Pernambucano é fogo na roupa. A roupa de Celibi agüentou o tranco. A iluminação e o telão foram perfeitos na sua precisão. Restou contorcer-se na cadeira quando os atores, que acostumaram a platéia nestes anos a rir do travestismo, começaram a tirar a roupa e... a peruca, no final do espetáculo. O público ficou chocado, confuso. Cadê as cores de Almodóvar? Os homens afeminados e *emputecidos*? Os machos redimidos de Pernambuco no jogo perverso platéia/palco? Cadê o pênis escondido? Nesta hora, as agressões bem mal humoradas que os atores lançam à platéia da Trupe voltaram-se contra eles. “Ovão! Perna fina! Está acostumado a comer banana, não é? Macaco! Está chovendo ou é cuspe? Bicha feia!” Tudo isso acompanhado de um riso nervoso e atônito que os profissionais do riso souberam resolver com maestria de quem tem força com ou sem peruca e ou de falsa mulher.

Jeison Wallace, intérprete máximo de Cinderela no palco e na TV, talento ímpar, estava ao meu lado. Quando acabou o espetáculo fiz uma pequena “entrevista” com o colega e joguei uma pergunta que estava me coçando o juízo: Cinderela tiraria a peruca em público? Muito sério ele me olhou nos olhos e disse: “Não, Moisés, como personagem ela jamais faria isso.”

Pois é: os meninos do Barulho *fizeram gostoso* mais uma vez e dignificaram uma profissão tão mal remunerada como é a de artista de teatro no Recife. Degustei cada momento da cena aberta na minha cara. Fiquei na segunda fila, ao lado da minha irmã que aniversariava, com Simone Figueiredo e com a jornalista Débora Ramalho.

Saindo do *besteirol* “inconseqüente” mas não do escatológico, o espetáculo tateou as memórias de cada um em busca daquela professora cruel, ou de alguma repressão que arrasasse nossas lembranças. Acho que conseguiu.

O birô e o quadro-negro (verde) servem como metáforas de dissolução semântica para Dona Margarida e seu *método* educativo: o uso do seu estranho poder e ela humilha, maltrata. É retrato de muita gente, principalmente muitos professores e por que não dizer/ De muitos alunos *safados*. Que, vamos e venhamos: merecem mesmo algumas palmadas suaves.

Luis Reis, autor de um livro sobre o grupo, onde fica registrado que eu fui o primeiro a fazer uma crítica pertinente ao grupo, publicada no Jornal do Commercio, afirma que: “o escracho e a imoralidade são tão antigos como o teatro. É difícilimo de fazer e eles têm o domínio”. Quanto à chegada da maioria os atores/ produtores mandam bala: “Nada melhor que comemorar seu aniversário com uma festa”, diz Flávio. “Para um grupo de teatro, a melhor festa é uma peça”, completa Aurino Xavier. Os dois estavam lá no nascimento do grupo e pegaram o comando desta Trupe no início do milênio.

Pênis de borracha, macho inflável, chicotes, palmatórias e o diabo a quatro são os objetos cênicos, adereços e espalham-se pelo cenário. Vegetais fálicos distribuídos à platéia de forma insinuante, contribuem para rasgar o véu do templo de alto a baixo: “Há alguém chamado Messias na platéia? Alguém chamado Jesus? Algum espírito santo? Não? Nãããã!!!” Estamos submetidos a várias Margaridas. Flor sem cheiro. Bonitinha e vulgar. Símbolo da era hippie, da paz e do amor. Flor que nasce pelos cantos e enche tudo com uma *singela* alegria. Até cantar o hino nacional foi um ato de completo distanciamento para a minha geração crescida na ditadura militar. O hino é objeto de sarcástica leitura e morte para um show de calouros aloprados, com direito a uma lata de Pitu como prêmio para o primeiro lugar (lábaro que ostentas estrelado!)

Viva a Trupe do Barulho com seu buquê tão original! Viva o tratamento de choque!